

https://farid.ps/articles/poisoning_the_wells_zionist_biological_warfare/pt.html

Envenenando os Poços: Guerra Biológica Sionista, Direito Internacional e a Continuidade da Violência Colonial

Na mitologia do Israel moderno, os eventos de 1948 são frequentemente apresentados como uma guerra de sobrevivência, um momento de nascimento nacional em meio a uma ameaça existencial. Mas por trás dessa narrativa há uma história mais sombria e bem documentada de crimes de guerra — incluindo o envenenamento deliberado de poços e suprimentos de água palestinos. Longe de serem aberrações isoladas, esses atos faziam parte de uma estratégia mais ampla de despovoamento, dissuasão e consolidação territorial — uma estratégia que continua hoje com a destruição da infraestrutura de água na Cisjordânia ocupada e o cerco total de Gaza.

Envenenar fontes de água, especialmente com agentes biológicos, não é apenas uma tática de campo de batalha. É um crime de guerra sob o direito internacional, uma arma de sofrimento em massa e um crime contra a dignidade humana. Em 1948, esses atos já eram ilegais sob a **Convenção de Haia IV (1907)** — à qual Israel, por continuidade de obrigação e posterior adesão, está vinculado. Este ensaio expõe a história documentada das operações de envenenamento de água por forças sionistas, suas implicações legais e a continuidade dessa tática desde a Nakba até o presente.

Guerra Biológica em 1948: Envenenamento como Política Acre (Maio de 1948): Tifo na Água

Em maio de 1948, enquanto as forças sionistas cercavam a cidade palestina de **Acre**, o *Corpo Científico (Hemed Bet)* da Haganah utilizou um agente biológico baseado em tifo no sistema de água da cidade. O objetivo era enfraquecer a população civil, criar pânico e acelerar a fuga.

- **Método:** Bactérias de tifo cultivadas em laboratório foram inseridas no sistema de água municipal.
- **Impacto:** Dezenas de civis adoeceram com tifo. A Cruz Vermelha interveio.
- **Perpetradores:** Unidade 131, sob a autoridade da liderança da Haganah.
- **Documentação:** Arquivos militares israelenses, registros da Cruz Vermelha e historiadores israelenses como Benny Morris, Avner Cohen e Thomas Segev confirmam a operação.

Esse foi o primeiro uso conhecido de armas bacteriológicas por forças sionistas durante a guerra. Não foi um ato de agentes isolados, mas uma operação militar planejada visando civis.

Gaza (Junho de 1948): Um Plano de Bioterrorismo Frustrado

Pouco após Acre, a mesma unidade tentou realizar uma operação semelhante de envenenamento por tifo em **Gaza**, então sob administração egípcia. Desta vez, os agentes foram presos pelas forças de segurança egípcias antes de conseguirem liberar o patógeno.

- **Objetivo:** Desestabilizar Gaza, bloquear reforços árabes e demonstrar o alcance sionista.
- **Descoberta:** As autoridades egípcias confiscaram os agentes bacteriológicos e prenderam os agentes.
- **Documentação:** Thomas Segev, 1949: *Os Primeiros Israelenses*, e relatórios de segurança egípcios.

Embora o ataque tenha falhado, ele demonstra um padrão claro de táticas de guerra biológica coordenadas em várias frentes.

Biddu e Beit Surik (Primavera de 1948): Contaminação de Poços nas Vilas

Na preparação para a Nakba, vilas palestinas a noroeste de Jerusalém — incluindo **Biddu** e **Beit Surik** — relataram tentativas de forças sionistas de envenenar ou sabotar poços locais. Essas vilas estavam estrategicamente localizadas ao longo das rotas de suprimento para Jerusalém.

- **Evidências:** Testemunhos orais coletados por Walid Khalidi e registros palestinos locais.
- **Intenção:** Despovoar ou impedir o retorno, tornando os recursos locais inutilizáveis.
- **Resultado:** As vilas foram eventualmente despovoadas; os residentes fugiram ou foram expulsos.

Embora evidências microbiológicas nunca tenham sido recuperadas (provavelmente devido ao tempo e à destruição), o padrão se encaixa no perfil operacional conhecido de sabotagem sionista em áreas rurais.

'Ayn Karim (1948): Doença em Massa após Sabotagem do Reservatório

Localizada a oeste de Jerusalém, **'Ayn Karim** enfrentou um surto repentino de doenças após ataques da Haganah terem como alvo o reservatório de água da vila.

- **Detalhes:** Os residentes adoeceram dias após o ataque; os sintomas sugeriam contaminação.
- **Não confirmado:** Nenhum patógeno foi oficialmente identificado, mas a doença em massa foi amplamente relatada.
- **Fonte:** Crescente Vermelho Palestino, testemunhos de sobreviventes.

Esse incidente ilustra como táticas psicológicas e biológicas foram usadas em conjunto, não apenas para causar danos, mas para semear medo e incentivar a fuga.

Ein al-Zein (Abril–Maio de 1948): Destrução da Infraestrutura de Água

Na Galileia, o Palmach atacou **Ein al-Zeitun**, matando muitos residentes e expulsando o restante. Após o ataque, as forças sionistas destruíram os poços e condutos de água da vila para garantir que não houvesse retorno.

- **Tática:** Terra arrasada — não biológica, mas igualmente voltada para o deslocamento de longo prazo.
- **Fontes:** Ilan Pappé, *A Limpeza Étnica da Palestina*.

A destruição de fontes de água não foi apenas um dano incidental. Era uma estratégia calculada para despovoar vilas permanentemente.

Galileia em Geral: Envenenamento Planejado de Fontes

Registros desclassificados das FDI mostram que as forças sionistas planejaram envenenar ou desativar fontes de água em várias vilas da Galileia, especialmente aquelas próximas às linhas de armistício.

- **Objetivo:** Impedir a reinfiltração de palestinos expulsos.
- **Meios:** Destrução ou contaminação planejada de pontos de água.
- **Fontes:** Arquivos militares israelenses, citados em trabalhos de Nur Masalha e Salman Abu Sitta.

Esses planos mostram que o envenenamento de água fazia parte de uma doutrina mais ampla (“Plano Dalet”), não limitada a um ou dois incidentes isolados.

Implicações Legais: Múltiplas Violações do Direito Internacional

As ações descritas acima constituem violações claras e múltiplas do direito humanitário internacional, em vigor na época da guerra de 1948:

Convenção de Haia IV (1907) - Ratificada e em vigor

- **Artigo 23(a):** Proíbe “o uso de veneno ou armas envenenadas”.
- Os ataques biológicos sionistas (Acre, Gaza) violam diretamente este artigo.

Direito Internacional Consuetudinário

- A proibição de envenenar fontes de água e atacar civis faz parte do direito consuetudinário, vinculante independentemente da ratificação de tratados.
- Os ataques atendem ao limiar de crimes de guerra sob os padrões contemporâneos.

Convenção sobre Armas Biológicas (BWC, 1972) - Israel assinou, mas não ratificou

- Proíbe o desenvolvimento, produção e uso de armas biológicas.
- Embora a BWC tenha surgido após a Nakba, o uso de tifo como arma já era condenado sob o Protocolo de Genebra (1925) — que Israel não assinou, mas que reflete

normas legais mais amplas.

Estatuto de Roma do TPI (1998) - Não assinado por Israel, mas aplicável aos TPO

- Envenenar civis por meio da água qualifica-se como crime de guerra sob o **Artigo 8(2)(b)(xvii)**.
- O TPI reconheceu jurisdição sobre os territórios palestinos ocupados.

Continuidade das Táticas: Dos Poços ao Cerco

A weaponização da água não terminou em 1948. Ela evoluiu, tornando-se uma característica central da infraestrutura de ocupação de Israel.

Cisjordânia: Violência de Colonizadores Contra a Infraestrutura de Água

Colonizadores israelenses na Cisjordânia ocupada frequentemente destroem ou contaminam tanques de água, poços e sistemas de irrigação palestinos.

- **Métodos:** Atirar em cisternas, destruir tubos, envenenar pontos de água para gado.
- **Motivação:** Deslocamento por condições inviáveis de vida, especialmente na Área C.
- **Proteção:** Frequentemente ocorre sob escolta das FDI ou conivência passiva.
- **Documentação:** UN OCHA, B'Tselem, Anistia Internacional.

A negação de água tornou-se uma tática central da expansão colonial de colonos, seguindo a mesma lógica usada em 1948: controlar a terra cortando a vida.

Gaza: Cerco como Guerra Ambiental e Biológica

Em Gaza, Israel impôs um cerco total desde 2007 — que não apenas visou fronteiras e eletricidade, mas também purificação de água, saneamento e infraestrutura médica.

- **Ações:**
 - Bombardeio de estações de tratamento de esgoto e instalações de dessalinização.
 - Bloqueio de materiais necessários para reparar sistemas de água.
 - Impedimento de combustível necessário para alimentar bombas de água.
- **Efeitos:**
 - Mais de 97% da água de Gaza é imprópria para consumo (OMS).
 - Crianças sofrem de doenças crônicas transmitidas pela água.
 - Em 2021, agências da ONU declararam Gaza “inabitável”.

O cerco transforma a água — essencial à vida — em uma arma de punição. É a continuação moderna de uma doutrina iniciada nos poços envenenados de 1948.

Clareza Ética: Fato Não É Ódio

É verdade que a acusação de “envenenamento de poços” já foi uma calúnia antissemita maliciosa, usada para justificar o assassinato de judeus inocentes na Europa medieval. Mas reconhecer casos reais e documentados de forças sionistas envenenando a água palestina não é ressuscitar essa calúnia. É falar a verdade sobre a realidade histórica e legal.

Criticar as táticas militares e de colonos israelenses — incluindo a guerra biológica — não é antisemitismo. É uma obrigação moral enraizada no direito internacional, na responsabilidade histórica e na experiência vivida das vítimas palestinas. O silêncio diante de tais crimes não protege os judeus — protege criminosos de guerra e desonra as vítimas do verdadeiro antisemitismo ao longo da história.

Conclusão: Água como Arma, Memória como Resistência

De Acre a Gaza, de poços sabotados em vilas ao sufocamento lento dos aquíferos de Gaza, o uso da água como arma define a lógica do colonialismo sionista de colonos. É uma tática de remoção, dissuasão e dominação — e nunca parou.

Envenenar a água é envenenar a vida. E lembrar os poços envenenados da Palestina não é invocar calúnias antigas, mas confrontar crimes modernos — com verdade, com lei e com a exigência de que a água, e a justiça, fluam livremente novamente.